

Redacção e administração

R. de S. Martinho

AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 236

AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

## A QUESTÃO CLERICAL

### As Congregações em França

No seu furor de represalias, aliás justificadíssimas, como temos visto, arrastados pelo seu espirito anti-religioso, embora deista, e, sobretudo, pelo espirito anti-catholico, entendendo que a obra de deschristianisar a França era a mais urgente e a mais precisa á defeza da Republica, os homens da Revolução foram até excessos escusados e até desvairamentos lamentaveis.

A communa de Paris erigiu a igreja de Notre Dame em *Templo da Razão* e ali celebrou uma grande festa laica. Isto foi em 10 de novembro de 1793. Antes, tinha a Convenção substituido o calendario gregoriano pelo calendario republicano, pondo de parte os domingos e todas as festas solemnisadas pela Igreja. Os mezes eram divididos em decadas—espaço de dez dias—e o ultimo dia de cada decada era destinado ao descanso dos funcionarios e empregados do Estado.

A 23 de novembro, o conselho geral da communa publicou um decreto secularizando todas as egrejas da capital. O movimento estendeu-se rapidamente ás provincias. Em poucas semanas deram-se milhares de abjurações, mais ou menos sinceras. Vinte e sete bispos constitucionaes renunciaram ás suas funções. Nove casaram-se, sendo o seu exemplo seguido por dois mil padres. Todas as egrejas das cidades fecharam, e muitas dos campos. O culto da *Razão* foi celebrado nos templos catholicos, não só com discursos mas tambem com concertos, cantos patrioticos e até danças populares e banquetes.

Contra estes processos, que feriam as crenças do maior numero sem vantagens de momento para a Republica, protestaram Danton e Robespierre, embora este viesse a empregar processos analogos.

«Não honrámos o padre do erro e do fanatismo, dizia Danton em sessão de 26 de novembro. Não queiramos honrar o padre da incredulidade. Peço que se ponha termo a essas mascaradas anti-religiosas. Não aniquilámos a superstição para estabelecer o reinado do atheismo.»

Robespierre, que era terrivelmente deista, foi mais violento ainda contra as mascaradas anti-religiosas. Por influencia sua, Barère apresentou, ao *Comité de Salvação Pública*, que obedecia cegamente ao famoso dictador, uma moção, que se converteu no decreto do 16 Frimaire anno II (6 de dezembro de 1793) prohibindo *todas as violencias ou ameaças contrarias á liberdade dos cultos*, limitando a vigilancia das autoridades e a acção da força publica a medidas de segurança e de policia.

Ao mesmo tempo, Robespierre fazia condemnar á morte os homens da communa, aos quaes odiava fundamentalmente. A 24 de março, d'esse anno de 1793, subiam ao cadafalso Hébert, Clootz e os outros chefes da *facção exaggerada*, seguidos pouco depois de Chaumette, e do bispo de Paris Gobel, um dos que tinham abjurado. Mas, depois de se ver livre dos *exaggerados*, perseguiu com o mesmo rancor os *indulgentes*, ou os *moderados*. Danton, Camillo Des-

moulins, e os seus amigos, subiram tambem ao cadafalso em 5 de abril do mesmo anno.

A este respeito podem os estudiosos—que são tão poucos n'este paiz, e pouquissimos, pouquissimos, entre os republicanos,—lêr outro livro interessante de Aulard, *Le Culte de la Raison et le Culte de l'Etre Suprême*. E já que se fala de Danton, d'esse grande vulto, tambem os que estiverem ainda sob a impressão das repetidas accusações de ladroeira feitas a esse homem, podem lêr um terceiro livro do mesmo Aulard, *Études et Leçons sur la Révolution Française*, onde o auctorizado escriptor, nos capitulos intitulados *Les comptes de Danton, La statue de Danton*, demonstra a honradez, o espirito largo, generoso, magnanimo do famoso politico e grande tribuno.

A perda de Danton foi uma perda irreparavel. Sendo a maior cabeça, e a melhor alma, da Revolução, foi, contudo, o mais calumniado e infamado dos republicanos.

E' assim, sempre. E em toda a parte.

Mas deixemos isso.

Um dos motivos capitaes—vamos seguindo sempre, na parte historica, o resumo da obra magistral de Debidour, e empregando, em geral, os seus proprios termos, para maior facilidade de comprehensão e exposição, visto que o importante, n'este ponto, é elucidar o grande publico, para o qual estamos escrevendo,—um dos motivos capitaes, diziamos, de Robespierre se desembaraçar de Danton, era o medo que tinha de que este combatesse os seus projectos de renovação religiosa. De facto, morto Danton logo Robespierre desvendou os seus designios. Uma das suas creaturas, Couthon, propoz immediatamente á Convenção a creação d'uma festa em honra do *Ser Supremo*. E um mez depois, (18 Floreal, 7 de maio) Robespierre, nomeado relator d'essa proposta, defendia com grande calor no seio da Convenção. «A idéa do *Ser Supremo* e da immortalidade da alma, é a invocação continua da justiça, portanto uma idéa social e republicana... A obra prima da sociedade seria crear no homem, para as coisas moraes, um instincto rapido que, sem o auxilio tardio do raciocinio, o levasse a fazer o bem e a evitar o mal. Ora o que produz ou substitue esse instincto preciso, o que supprime a insufficiencia da auctoridade humana, é o *sentimento religioso*, que imprime nas almas a idéa d'uma sanção dada aos preceitos da moral por uma *auctoridade superior ao homem*».

Era talvez esse *sentimento religioso* que o fazia tão perverso!

Receando que o accusassem de occultar, com a sua *religião*, designios de restaurar o catholocismo, apressava-se a declarar que na sua *religião* não havia sacerdocio; que não se manifestava, exteriormente, senão por ceremonias civicas, que recordassem periodicamente ao povo o sentimento dos seus deveres e a idéa da sua divindade. «Padres ambiciosos, não espereis que trabalhem em restabelecer o vosso imperio... O que ha de commun entre os padres e Deus? Os padres são para a religião o que os charlatões são para a medicina... O verdadeiro padre do *Ser Supremo* é a natureza; seu templo, o universo; seu culto, a virtude; suas festas, a alegria d'um grande povo reunido

aos seus olhos para estreitar os does laços da fraternidade e apresentar-lhe a homenagem dos corações sensiveis e puros.»

A Convenção, subjugada, adoptou com enthusiasmo o projecto de decreto, cujo artigo 1.º era concebido n'estes termos: «O povo francez reconhece a existencia do *Ser Supremo* e a *immortalidade da alma*» artigo que foi pouco depois gravado á entrada de grande numero de egrejas, transformadas em templos do novo culto. A lei do 28 floreal instituiu, além da celebração dos 4 anniversarios historicos, 14 de julho, 10 de agosto, 21 de janeiro e 31 de maio, 36 festas nacionaes.

Deve-se dizer que a lei estipulava expressamente que a *liberdade de cultos seria mantida*.

E' claro que o culto do *Ser Supremo* não deu melhores resultados do que o culto da *Razão*. A festa foi celebrada em Paris com grande pompa no 20 Prairial (8 de junho). O proprio Robespierre, no meio d'uma *mise en scène* grandiosa, e á frente da Convenção de que era presidente, officiou como um pontifice, e embriagou-se com as acclamações da multidão, que com o mesmo enthusiasmo não tardaria a applaudir-lhe o supplicio. Não faltou magestade nem brilho á festa no resto da França, nas grandes cidades e nas infimas aldeias. Mas tudo isso durou um dia. O povo não tinha a cultura sufficiente para se interessar por uma religião puramente civil, sem padres, sem ritos, sem mysterios, sem revelações, sem milagres, que não o convidava a solemnisar senão abstracções e que sómente appellava para a sua razão.

A queda de Robespierre, que por sua vez subiu ao cadafalso, (26-27 de julho de 1794, 9-10 Thermidor anno II) poz-lhe termo. E seguiu-se a separação da Igreja do Estado, o unico regimen admissivel, votada, sob proposta de Cambon, como já dissémos, em 18 de setembro de 1794, e de que nos occuparemos no numero seguinte.

Foi esse o regimen que deu a liberdade religiosa á França, e, ao mesmo tempo, força e auctoridade ao poder civil.

Como veremos.

## ELEIÇÕES

O resultado das eleições, sob o ponto de vista republicano, não deixou de ser satisfactorio, não só em Lisboa, como em todo o paiz. Os republicanos de Aveiro foram tambem á urna e obtiveram uma votação honrosa.

Congratulamo-nos com os resultados obtidos.

## CARTAS D'ALGURES

Devido talvez aos grandes affazeres do seu auctor não recebemos a costumada *Carta d'Algures*.

## Medida acertada

O senado francez prohibiu o ensino congreganista, e decidiu por 172 votos contra 106 passar á discussão dos artigos.

## POVO DE AVEIRO

Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

## TRIGOS

As culturas arvenses são de incerta producção em toda a parte. Não é só em Portugal. E' na França, é na Allemanha, é na Russia, é nos Estados-Unidos, é no Canadá, é na Australia, é em todos os paizes do mundo. Ha annos de boa colheita e ha annos de má colheita. *E sendo os processos culturaes os mesmos, palavras de Um lavrador, tanto nos bons como nos maus annos, é claro que á influencia do clima se deve a incerteza da colheita.* E' claro. Mas o que é tambem claro, o que é clarissimo até, é que á differença dos processos culturaes ha de corresponder a differença das colheitas, ou o anno seja bom, ou o anno seja mau. Paiz onde os processos culturaes sejam perfeitos ha de ter sempre melhor trigo e em maior quantidade, no anno mau e no anno bom, do que aquelle onde os processos culturaes deixem tudo a de-sejar.

Por isso mesmo que ha *anno bom* e ha *anno mau*—se não póde attribuir ao clima uma acção permanente.

Pelo facto de ter tido annos de más colheitas, e tem-os tido successivos, nunca a França concluiu que *não estava debaixo da zona cerealifera*. Nem a França nem outros paizes, aos quaes tem succedido a mesma coisa.

O que nós escrevemos, o que nós dissémos, o que continuamos a escrever e a dizer, é que não podemos concluir que o trigo portuguez ha de ser, forçosamente, de inferior qualidade e insufficiente na quantidade, emquanto se não aproveitarem todos os terrenos onde elle póde ser cultivado, emquanto esses terrenos não forem dedicados á sua cultura, e emquanto a cultura não fór feita pelos processos aperfeiçoados de que resulta a melhoria na quantidade e na qualidade.

Esta é que é a questão.

O que escrevemos, o que dissémos, o que continuamos a escrever e a dizer, é que gozando o lavrador portuguez da maior e mais escandalosa protecção, concedida pelos governos á custa das subsistencias publicas, sobretudo do pão, a mais importante d'ellas todas, nunca, em geral, essa protecção lhe serviu, por egoismo feroz, por ignorancia, por uma coisa e outra, para melhorar e alargar os seus productos, dando-nos a esperanza de os poder baratear n'um futuro mais ou menos proximo.

Esta é que é a questão.

O solo é pobre, escreve o illustrado correspondente do *Debate*. O solo é pobre em muitos outros paizes do mundo, onde o trigo, e outros productos da terra, são, no entanto, mais baratos do que em Portugal. E' que lá fóra enriquece-o o trabalho, a cultura, o patriotismo, a intelligencia. Em Portugal, uns esperam pelo D. Sebastião, cuja alma acabou por transmigrar para o corpo do sr. João Franco, outros esperam o Manná, que pela segunda vez cairá do céu quando a Deus aprouver, e outros, entre os quaes se conta a propria esposa do chefe do Estado, confiam na Virgem, nas peregrinações e na benção do papa.

A differença é essa. E só essa. Faltam aqui, sem duvida, as terras pretas que constituem o *tchernoze* em na Russia. Essa camada de humus que se estende do

Prath ao Oural, de Toula ao mar Negro, e que, em diversos pontos, chega a attingir a espessura de muitos metros.

Faltam aqui os ricos prados do Canadá, immensos prados, essa planicie sem fim, coberta de terriço, de destroços d'uma vegetação secular, que se estende de Montreal a Vancouver. Tambem, ali, póde o trigo ser vendido, com lucro, como o demonstrou Perrault, commissario do Canadá na Exposição Universal de Paris em 1900, a 5 francos, 900 réis, o hectolitro! Tanto como custam em Portugal dez kilos, quando o lavrador se aproveita da concorrência dos moageiros para o vender por preço superior ao da tabella, como succede a cada passo.

Faltam aqui os terrenos fertilissimos da India, banhados pelo Ganges, pelo Indus, e seus afluentes; os terrenos não menos férteis de parte da Australia, da America do Norte, da Republica Argentina e, por ventura, d'outros paizes da America do Sul. Faltam, sem duvida. Mas não faltam só em Portugal. Faltam, tambem, n'outros paizes onde o trigo se vende por metade do preço porque se vende entre nós. D'onde se conclue que a verdadeira, a grande, a real inferioridade portugueza, não está bem na pobreza do solo e na inclemencia ou irregularidade do clima, mas, sobretudo, na falta de illustração, de saber, de iniciativa, de patriotismo e de amor ao trabalho.

Convert, n'um livro já por nós citado,—*L'Industrie Agricole*—reconhecendo, o que ninguém contesta, que, por mais que se faça, o trigo dar-se-ha sempre melhor n'uns pontos do que n'outros, diz que, todavia, as differenças de rendimento em duas propriedades vizinhas, uma mais bem cultivada do que a outra, são tão notaveis, chegando uma a produzir trez e quatro vezes mais do que a outra, não obstante o clima e o solo ser o mesmo, que é licito esperar que uma boa cultura faça com que a França venha, em breve, a não precisar de recorrer á importação estrangeira. Basta para isso, acrescenta, um augmento médio de rendimento de dois hectolitros por hectare de terreno.

A fertilidade d'uma terra, todos o sabem, póde ser natural ou adquirida. E' á fertilidade natural, evidentemente, que o illustrado correspondente do *Debate* se refere quando diz: o solo é pobre. *E' geralmente pobre*. São estes os termos do nosso contendor. Ora a fertilidade natural desaparece tanto mais depressa quanto mais improprios ou incompletos são os adubos. Foi isso que succedeu, mais ou menos, em toda a Europa. Em toda ella as reservas nutritivas foram notavelmente empobrecendo, por isso que os estrumes de curral não continham os elementos precisos para compensar ou supprir as perdas que se davam. Só quando veio a concorrência dos paizes novos, se pensou na maneira de obter melhores e maiores rendimentos com menores despesas. E recorreu-se, então, aos adubos chimicos, como meio de manter a fertilidade natural dos solos e de modificar o fraco valor productivo das terras pobres e estereis.

Ora n'este ponto, como em muitos outros, escusado seria acrescenta-lo, Portugal está muito em baixo. Seria preciso que, como, no seu livro *Engrais*, diz Garola a respeito da França, o pequeno e o mediano agricultor estivessem em

condições de aplicar as novas descobertas da sciencia agricola. Seria preciso que o emprego dos adubos quimicos deixasse de ser o apanagio dos privilegiados da fortuna e da intelligencia. Seria preciso democratiza-los. Em França, conseguiu-se. Senão completamente, com resultados, já, muito apreciaveis. Em Portugal, tarde se conseguirá. E tarde se conseguirá porque entre nós a iniciativa particular é completamente nulla.

Agora mesmo, e precisamente na altura em que vae este artigo, me chega ás mãos o *Diario de Noticias*, onde o sr. D. Luiz de Castro, na sua chronica agricola, reconhecendo que a cultura do trigo deixa muito a desejar, só encontra, com tudo, um remedio, verdadeiramente eficaz, para ella ser melhorada: a criação de novas repartições do Estado!

Ora eu não digo que a acção do Estado não seja muito importante. Mas acompanhada d'uma grande acção é iniciativa dos particulares. D'outra forma é esteril, se não for, como até aqui, contraproducente.

O correspondente do *Debate* concorda primeiro comosco em que o lavrador portuguez é profundamente ignorante. Mas não concorda depois, quando escreve que elle repovoou os seus vinhedos com muita intelligencia, na opinião dos proprios mestres estrangeiros.

Devemos recordar que o nosso illustre antagonista tinha, no artigo anterior, achado alguma razão aos. Anselmo de Andrade, quando este se insurgia contra a mania da vinha em prejuizo do trigo. Mas admittamos, e, na verdade, é de vinha que elle mais sabe, que o lavrador repovoou os seus vinhedos com muita intelligencia. Porquê? Porque tinha de lutar com a concorrencia estrangeira. Porque tinha de fazer pela vida. Porque tinha de trabalhar para collocar os seus productos. Tivesse elle venda certa de vinho, e preço certo, e altamente remunerador, e nós veriamos se se dava ao trabalho de estudar a melhor maneira de cultivar a vinha e de fabricar o producto.

Esse argumento serve-nos. Vem admiravelmente em nosso auxilio. Vem provar que o povo tem sido sacrificado espantosamente na gravissima questão do pão, sem que o lavrador fizesse ao menos com o trigo o que fez com a vinha. Sem que tratasse de aperfeçoar os seus productos.

Para que, se ahí, no trigo, elle tanto vende o bom como o mau?

Em circumstancias identicas faria o mesmo com o vinho. Precisamente o mesmo.

Mas façamos uma restricção, quanto á muita intelligencia do lavrador no repovoamento das vinhas. O pequeno cultivador ainda ahí mesmo é d'uma ignorancia quasi absoluta. O lavrador rico é esse aquelle que o estrangeiro tem louvado. Como profundo a do trigo. Não cultivava bom trigo porque não precisa, porque não quer.

Não admittre o auctor das cartas do *Debate* que nós digamos que o lavrador opulento é que tem a culpa da profunda ignorancia do lavrador humilde. Ora nós nos explicamos. Quando dissémos lavrador opulento queriamos dizer dono da terra. O honrado antagonista tem ouvido chamar muitas vezes ao sr. D. Carlos o primeiro lavrador portuguez. E, no entanto, o sr. D. Carlos não é lavrador. Empregamos lavrador no sentido de grande proprietario. José Maria dos Santos é um grande lavrador. E outros como elle.

Esses donos da terra constituem um dos mais poderosos elementos da oligarchia dominante. D'essa oligarchia, que tem mantido o povo na ignorancia e na miseria. São elles os principaes culpados do nosso atraso, da nossa rotina, da nossa desgraçada situação social. Mais do que os industriaes, de quem *Um Lavrador* justificadamente se queixa.

Tanto como os burocratas, dos quaes justificadamente se queixa também.

Lá fóra o lavrador procura a sua força nas sociedades cooperati-

vas, nos cursos profissionaes, nas bibliothecas, nas caixas de aposentação, de soccorros, de crédito mutuo, nos escriptorios de informaçoes, de collocações, de estatistica, etc. Aqui procura-a nos governos. O dono da terra é o senhor da urna. Dá votos aos governos. Em compensação não tem parte das suas propriedades na matriz, tem lá outras como charnecas sendo herdades soberbas, vende-nos a fava, a cevada, o milho, o trigo por um preço exorbitante em relação ao estrangeiro, e ainda não fez a guerra ao mundo, para collocar os seus vinhos, porque Portugal não tem esquadras nem exercitos que cheguem para tanto. D'outra forma, correria o sangue em ondas para lhes servir os interesses.

É esse dinheiro arrancado assim á miseria publica, em troca d'um apoio criminoso concedido aos governos que aniquilaram esta terra, esse dinheiro, tirado ao suor do povo a pretexto de não ir ao estrangeiro buscar trigo barato, lá vae para o estrangeiro da mesma forma. Lá vae em viagens! Lá fica em luxos! Lá desaparece nas roletas dos casinos e nos bolsos das mais celebres e formosas prostitutas!

Oh! não. Desculpe-nos o illustre contendor. Todas as concessões lhe faremos. Menos a de absolver dos seus crimes o senhor feudal, o grande e poderoso dono da terra.

E' elle que tem a culpa da escravidão, da ignorancia do pequeno lavrador. E' elle, com o alto burocrata, o grande responsavel d'esta miseria moral, intellectual e physica em que todos vivemos.

Desculpe-nos. Ah! não estamos, nem estaremos de accordo.

Desculpe.

### Musica no jardim

O programma que a banda do 24 toca hoje, das 7 ás 9 da noite, no jardim publico, é o seguinte:

Ordinario. «Enceñanza Libre», zarzuela (Giminez). «Vesperas Sicilianas», quatro estações da opera (Verdi). «Homenagem», ode symphonico (Reis). «Fleur du Fré», capricho (Gloria). Ordinario.

### Grande catastrophe

Duzentos e cincoenta peregrinos afogados

Um telegramma de Rostov, pequena cidade das margens do Don, noticia uma terrivel catastrophe occorrida na ribeira de Khopra, proximo da estação de Zotova.

Em uma barca de passagem que transportava duzentas e cincoenta pessoas, na sua maioria mulheres e creanças, o fundo, já muito arruinado, despegou-se sob o peso dos passageiros e estes cahiram á agua, sendo muitos d'elles arrastados pela corrente para a roda d'uma azenha, morrendo esmagados, ao passo que os restantes se afogaram nos redemoinhos da ribeira.

Foram já retirados sessenta cadaveres.

As victimas eram peregrinos das aldeias proximas.

### Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	700
» encarnado.....	840
» manteiga.....	560
» amarello.....	630
» misturado.....	540
» caraça.....	800
» frade.....	750
Milho branco.....	640
» amarello.....	620
Trigo gallego.....	18060
» tremez.....	920
Cevada.....	620

## CARTA DE GUERRA JUNQUEIRO

O eminente poeta Guerra Junqueiro acaba de enviar ao nosso collega o «Dia», a carta que segue:

Sr. redactor:

Acabo de ler, transcripta no *Primeiro de Janeiro*, a conversa a meu respeito entre um redactor do *Dia* e o meu velho e bom amigo Alberto Braga. Ha n'ella uns pequenos equívocos, que deseje rectificados. Travei em Paris conhecimento com o illustre professor Charles Richet, devendo-lhe, confesso, immerecida estima e benevolencia. Mas foi o sr. Emile Gauthier, chronista scientifico dos mais notaveis, quem levou á *Revue* o meu estudo acompanhando-o de palavras sympathicas e generosas.

Na entrevista que o sr. Curie amavelmente me concedeu, limitei-me a interrogar-lo sobre a nossa divergencia de opiniões, emquanto á coordenação de factos, de que o grande plisico nos dá uma theoria, por elle mesmo julgada hipotetica e difficilente. Quando o meu estudo desenvolvido, vier a lume debaterei esse problema com a maxima attenção e lealdade. Declaro no entanto, que não mudei ainda de parecer.

As manifestações extraordinarias com que a imprensa e o povo me acolheram, no meu regresso, são hyperbolicamente solemnes e grandiosas para obra tão diminuta e esboçada ao de leve.

As theorias scientificas constituem sempre verdades provisórias. A interpretação diversa d'um phenomeno, eis quanto basta para de repente, as modificar ou destruir. E, se os grandes sábios devem ser modestos, que infinita modestia me não impõe, naturalmente, a minha consideravel ignorancia!

Tenho uma cultura scientifica incompleta e irregular, mais vasta do que minucioso, mais de superficie do que de fundo. De maneira que ao poder de generalisação ou de synthese, que alguns me attribuem, não corresponde, como era necessario, o conhecimento detalhado e nitido das particularidades e dos phenomenos.

Eis o motivo porque durante annos esquivei as minhas ideias scientificas á publicidade, e hoje as submetto, hesitando, ao exame imparcial e rigoroso de tantos homens eminentes. Mas qualquer que seja o valor definitivo das minhas doutrinas ou theorias, uma consolação me resta; que a intelligencia que a natureza me deu, alta ou mediocre, clara ou confusa, a dediquei por longos annos, sincera e unicamente, á descoberta da verdade.

Seu amigo cordeal,

GUERRA JUNQUEIRO.

### Uma aventura curiosa

Noticia um jornal de Paris que toda a Inglaterra tem a sua attenção fixa n'uma heroica aventura de um sineiro de Newry, de nome Jimmie Gill, o qual jurou que não pagaria uma multa em que incorreu por um delicto insignificante.

A fim de escapar á policia encarregada de o prender pela sua rebeldia, Jimmie Gill, costumado pelas exigencias da sua profissão ás grandes altitudes, procurou um asylo no remate da chaminé de uma officina; e procurou a tão velha e tão arruinada, que ninguem ousa segui-lo alli, com o receio de que a chaminé desabe com o peso dos invasores.

Do alto d'essa columna vacillante, o alegre sineiro desafia a força publica ha mais de 15 dias, agitando de tempos a tempos uma bandeira vermelha, symbolo ironico da sua rebeldia contra a auctoridade. A multidão, como é natural, tomou o seu partido, aclamando-o e divertindo-se com o caso.

Como a policia, nos termos da lei, não póde prendel-o senão entre a aurora e o pôr do sol, o assediado de Newry opera ás noites as suas sortidas, durante as quaes se fornece de viveres e dorme.

A policia começa a impacientar-se e a sentir-se ridicula e falla já em meios extremos; mas certamente que não fará demolir a chaminé, porque arrastaria na derrocada o sitiado.

## A INSTRUÇÃO DO SOLDADO

Sob este titulo publicavam as *Novidades*, ha quinze dias, a carta que se segue, já transcripta pelo *Mundo* e *O Debate*, e que só transcrevemos tambem para que no *Povo de Aveiro* fique registado tudo quanto se escreve sobre o assumpto:

Sr. redactor:

Os exames de 1.º cabo, a que me referi na ultima carta, realisaram-se em 30 de março. Os recrutados tinham sido dados promptos da instrucção militar no dia 25. Portanto, para a maior parte das companhias, a instrucção litteraria começou, e terminou, com a instrucção professional.

Como disse, a 1.ª companhia do 2.º batalhão, a 1.ª do 3.º e a 3.ª do 2.º continuaram a habilitar os homens destinados ao exame do 1.º curso. Este exame realisou-se em 10 de maio, com o seguinte resultado:

Da 1.ª do 3.º fizeram exame 10 homens ficando 4 reprovados, 4 aprovados e 2 aprovados com distincção.

Da 1.ª do 2.º só um fez exame, que ficou aprovado.

Da 3.ª do 2.º fizeram exame 4, ficando 2 aprovados e 2 aprovados com distincção.

Juntando este resultado ao que foi obtido em 30 de março, vemos que, ao todo, foram aprovados 44 homens, sendo 15 com distincção.

Sendo 28 as vagas de 1.º cabo, ha gente para preencher essas vagas e ainda crescem 16 soldados com a habilitação precisa para poderem ser promovidos d'um instante para o outro. Ou cresciam. Alguns remiram já a obrigação de serviço.

Repto: é um resultado brilhante. Não sei se haverá outro regimento em condições identicas.

E ainda ha quem escreva que o ensino das primeiras letras no exercito prejudica a instrucção militar. Mal chega o tempo para esta, diz-se.

Queiram perdoar. Eu tenho demonstrado já, por mais do que uma vez, a insubsistencia d'essa allegação. Todavia, a *Revista de Infantaria* voltou com ella no seu ultimo numero.

Queiram perdoar. Nem em infantaria 14, nem em infantaria 23, se diminuiu, em favor da instrucção das primeiras letras, o tempo anteriormente concedido á instrucção puramente militar. E nunca se disse que esta instrucção fosse mal ministrada nas companhias que ministraram, ao mesmo tempo, o ensino das primeiras letras. Antes, para algumas d'estas se poderá provar, com documentos officiaes, de incontestavel peso e valor, que se disse precisamente o contrario.

Não percebo, pois, como é que o ensino das primeiras letras no exercito prejudica a instrucção militar e como é que o tempo mal chega para esta. Não percebo! Não percebo!

E' boa, essa do ensino das primeiras letras prejudicar a instrucção militar! Mas como? Por mais que dê tratos ao juizo não percebo nada. Mesmo nada!

Basta que d'elle resulte a extincção d'esse mal, que todos reconhecem e que todos lamentam, a falta de cabos, para que a favoreça, em vez de a prejudicar.

A falta de cabos e a falta de sargentos. Sendo a habilitação litteraria, exigida para a promoção ao posto de 2.º sargento, unicamente a que se exige para a promoção ao posto de 1.º cabo, habilitar 1.º cabos é dar um grande passo na habilitação dos 2.º sargentos. Ou não será isto? Julgo que sim. E os factos veem em reforço d'este pobre faciecinio, pois que dos cabos que eu tenho habilitado já saíram alguns 2.º sargentos.

Preparar os quadros, diz o decreto de 16 de julho de 1896, é, na paz, a missão mais difficil e importante do official.

Quer dizer, até a lei, d'esta vez, está em harmonia com o bom senso. Mas é uma vergonha, acrescenta o auctor do artigo da *Revista de Infantaria*, que seja preciso ensinar o A B C no exercito.

Isso é conforme a cartilha por onde se lê.

Ao contrario do que o articulista imagina, a corrente adversa á rotina, em toda a parte, é que as companhias augmentem a instrucção litteraria e ensinem o A B C a todos os recrutados que n'ellas se incorporem. Já nas *Novidades* eu transcrevi o que o principe de Hohenlohe diz a tal respeito nas suas *Cartas sobre a infantaria*. Se hoje não apparecem analphabetos no exercito allemão já appareceram muitos, e, quando appareciam, eram os officiaes que os ensinavam. Não tiveram vergonha de o fazer o principe de Hohenlohe e outros grandes generaes prussianos. Antes confessam, com orgulho, que o fizeram.

Sobre o que se passa e pensa sobre isso na Italia, leia-se o magnifico artigo publicado, em novembro ultimo, na excellente revista italiana *L'Italia Moderna*, sob o titulo *L'analfabetismo nell'esercito e nel paese—La scuola della nazione*.

Sobre o que se passa e pensa sobre isso na França, leia-se o bello livro de Henry Bérenger—*La Conscience Nationale*, na parte intitulada *L'Armée et la Nation*.

Assumpto interessante, sobre que hei de voltar. Em toda a parte a rotina tem combatido, e combate, a introdução do ensino litterario nas companhias. Em toda a parte os homens de alcance reconhecem a necessidade impreterivel d'esse ensino.

Exercito de analphabetos, exercito de ignorantes, em face do outro composto de homens instruidos, é exercito fatalmente aniquilado, fatalmente vencido.

Sobre isto não tem duvida nenhuma os homens que pensam, os homens que estudam.

De v. etc.,

Francisco Manuel Homem Christo

### A nossa carteira

Com sua filha a sr.ª D. Clementina, regressou de Entre Rios a esta cidade, a sr.ª D. Maria José d'Azevedo Ferreira Pinto Basto, dedicada esposa do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Foi collocado em Aveiro como chefe superior da repartição do imposto do sello, o sr. Mario Duarte.

A convalescer retirou para a quinta da Giesteira, a sr.ª D. Clarice Sucena, esposa do sr. dr. João Sucena, digno notario e advogado d'Agueda.

Acompanhado de sua filha, a sr.ª D. Amelia, regressou de Aguas Santas, o sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa.

De Miradouro, Baião, regressou á Regua o nosso correligionario, sr. dr. Antão Fernandes de Carvalho, distincto advogado n'aquella comarca.

Partiu para as Caldas da Rainha, o nosso patricio sr. Antonio Candido Moreira.

Entrou em franca convalescência a sr.ª D. Maria Maxima de Moraes, esposa do sr. Manuel Anthero Baptista Machado.

Esteve na semana passada n'esta cidade, o revd.º sr. Manuel Ferreira Felix, digno prior em Ois do Bairro.

Partiu para Traz-os-Montes, Torre de D. Chama, o nosso amigo e correligionario, sr. Manuel Marques da Cunha, proprietario e capitalista d'esta cidade.

Concluiu os seus estudos na universidade de Coimbra, o sr. dr. Arnaldo Vidal, sobrinho do sr. dr. Abilio Gonçalves Marques, conceituado clinico da Oliveirainha.

Os nossos parabens.

Tem estado em Aveiro o sr. Americo da Graça, habil artista, residente no Porto.

Aos srs. agricultores pedimos para experimentarem o ADUBO ORGANICO que se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

O preço de cada kilo é de 25 réis.

SCIENCIAS E LETRAS

A ALMA DO CÃO

O mais intelligente dos animaes, (se exceptuarmos a maioria dos homens), é indubitavelmente o cão. E' n'elle que nós encontramos no mais elevado grau, os exemplos da afeição constante, de dedicação illimitada, de fidelidade inexcusável, de inquebrantavel sujeição ao dever: Se a estas qualidades juntarmos ainda a coragem com que defendem a pessoa e a propriedade dos donos, as suas tendências generosas, caracter amavel e lhaño, não admira que a maior parte dos homens de algum merecimento ame devéras os cães e que alguns que, como Byron, souberam por experiencia o que é o mundo, no qual só encontram a mentira, a vaidade, a decepção, encarem o homem sob um precario ponto de vista, e elevem o merito da raça canina muito acima da propria raça.

Burns via no cão, não sómente um mestre de moral social, como também um professor de moral religiosa predicando pelo exemplo. «O homem, diz elle, é o deus do cão. O animal não conhece outro nem póde comprehender outro. Vede o fervoroso culto que elle lhe rende, como se humilha a seus pés, com que amor o acaricia, com que humildade o olha, com que jubilo lhe obedece. Toda a sua alma se concentra no seu deus; todas as forças, todas as facultades da sua natureza se desenvolvem para o servir. A igreja ensina aos christãos todas estas virtudes, porém o cão eleva-se muito mais alto, para vergonha do homem.»

O auctor de uma importante obra sobre os cães da Gran-Bretanha, M. Jesse, testemunha igual sentimento para com estes verdadeiros heroes. «Considera, diz elle, o cão no sentido colectivo, comparae as suas qualidades moraes com as vossas, taes copio a paciencia, fidelidade, o desinteresse, (virtudes muito apreciaveis,) e vede quanto o animal vos é superior.»

Um grande numero de exemplos corroboram a ideia de alma do cão. O auctor precedente recorda, entre outros, o caso de um grande «terrier-bull», pertencente a um reideiro de Pembury que tinha o costume de agarrar na passagem as lebres perseguidas por certo grupo de caçadores. O cão levava a lebre ao dono, mas, quando os caçadores passavam, este dava-lhes invariavelmente a lebre apprehendida.

O cão viu com má sombra a repetição de semelhante prova de amabilidade, e, para a evitar, lembrou-se de pôr em pratica este sagaz estratagem. No momento em que a matilha se fazia ouvir na montanha, sahio o mais cautelosamente que ponde. Logo depois a dona da casa, assentada á janella, viu-o vir para ella agitando a cauda e saltando por fórma a indicar que o seguisse. Resolvendo-se a dama a descer, o animal conduziu-a silenciosamente a um espesso bosque de loureiros. A lebre estava alli. A satisfação do animal não teve limites quando viu a dona pegar na lebre e levá-la. Quando em seguida a matilha chegou e não viu coisa alguma, o cão entrou a correr e a saltar, ladrando a plenos pulmões—Surriada parecia querer dizer: procurem á vontade que nada encontram!

Um pequeno «terrier» escocez, pertencente a um official de Bombaim, descobriu um methodo bastante engenhoso para matar as serpentes. Agarrando o reptil pela cauda, corria a sete pés por meio das pedras, e, na rapidez da carreira, impedindo o inimigo de se enrolar, esmagava-lhe a cabeça de encontro aos cathaus. A sagacidade do cão patenteia-se ainda, quando o animal experimenta o sentimento de um perigo que não conhecia por experiencia. Comprova-o esta factó: Um convalescente passeava-se um dia a cavallo, quando

sucedem cabir, ficando com o pé mettido no estribo. Ninguém havia ao alcance da voz. O poney ia encetar um golpe vertiginoso, quando o cão, comprehendendo o perigo, saltou ao focinho do cavallo, mantendo-o immovel até o dono soltar o pé.

A este genero pertence ainda o salvamento de M. Proter, de Leeds. Debatia-se este, longe da margem, contra as vagas furiosas, tendo já mergulhado duas vezes. O cão deu o alarme: como quer, porém, que ninguém apparecesse, saltou resolutamente á agua e tentou salvá-lo, agarrando-o pelo feto. Succedeu, porém, que os dentes lhe resvalaram na superficie lisa do caoutchouc. M. Proter ia já a desaparecer pela terceira vez, quando lhe pareceu que uma voz lhe recommendava que se agarrasse á cauda do cão. Obedeceu machinalmente. Então o animal nadou com vigor, rebocando o dono, quasi ananimado. O cão não o abandonou um só instante, enquanto esteve doente, e, a partir de então, sempre que o dono tinha de atravessar a corrente, ia invariavelmente, adiante, para sondar o caminho.

A historia do cão offerece-nos tantos exemplos de raciocinio, que é impossivel não admitir que um verdadeiro trabalho intellectual se executa no seu cerebro, absolutamente igual ao nosso.

Seja qual for o ponto de vista por que se encarem as facultades intellectuaes da raça canina, verifica-se que ellas se approximam bastante das do homem, e que em mais de um caso a afeição, a sinceridade, a coragem, a religião da saudade são mais accentuadas entre certos cães que entre certos homens. Dever-se-ha concluir d'ahi que para estes animaes existe um logar marcado na outra vida?

Os selvagens assim o crêem, e os nossos antepassados suspeitavam-no. Ha, porém homens egoistas que pretendem reservar para si tudo o que póde haver de bom n'este e no outro mundo, porém, o auctor da Natureza é indubitavelmente mais generoso do que elles.

Camillo Flammarion.

O S. PEDRO

E' um nunca acabar de festinhas. Pois o Santo Chaveiro da Côte Celestial também não passou despercebido sem a sua festinha para divertimento d'este bom povo aveirense. Por isso na terça-feira houve illuminação e musica na rua de José Estevão. Na quarta igual funcanata no Alboyo.

Não haverá dinheiro para coisas uteis em que o publico se instrua, mas para isto apparece sempre.

Bruxas e bruxos

Déram entrada no Aljube, diz o *Commercio do Porto*, onde estão detidos para averiguações, os tecelões Francisco Dias e Joaquim J. Rodrigues e a mulher d'este ultimo, Maria Rodrigues, moradores na travessa de Campanhã, no Bomfim.

Deu motivo á detenção o facto de se ter queixado o sr. Manuel Barboza, do referido logar, de que um grupo de individuos se entretinham com sessões de espiritismo n'uma casa da ilha n.º 44 da mencionada travessa de Campanhã, resultando d'essas sessões a diffamação para varias pessoas, e tendo a mulher do queixoso sido arguida caluniosamente de um crime de furto.

A policia da esquadra de Campanhã, procedendo a investigações, pô-

— Receba com fé os sacramentos da Santa Madre Igreja.

— Cereñonias pagãs... A vida do espirito vai começar. Receba a natureza em seu seio a porção immaterial do meu ser. Descance em perpetua paz este motor interno, que recebia as lançadas da adversidade, a influencia do mal, que os homens geraram. Acabo sem remorsos, sem odios e sem esperanças. Acabo, é o que en sei devéras. Vou desenganar-me, se erreí. Agora, filho, deixa entrar a minha familia. São esses pobrinhos que saíram. Abrelhes as portas: quero vel-os até á ultima.

Braz abriu a porta, os pobres entraram e o padre ficou entre elles.

O vigario perguntou ao medico e supposto confessor se era tempo de virem os santos oleos.

— Mais tarde, disse Braz Luiz, esperando que o moribundo, caído na apathia da extrema hora, insensivelmente recebesse as unções e assim enganasse a devoção d'aquelle povo. Piedosa impostura, santa fraude, que levava em vista salvar os creditos do padre visitante, e abonar as virtudes do homem que os pobres começavam a beatificar.

de saber que era o tecelão Joaquim J. Rodrigues quem assumia a presidencia junto da meza de pé de gallo, desempenhando a mulher d'elle o papel de *medium*, com *poderes* sobrenaturaes e illimitados para preserutar segredos, descobrir criminosos, etc.

O presidente dizia aos clientes dentro em si o espirito de um principe da Igreja, e, com tão boa recommendação, facil lhe era ludibriar os incautos. Mediante as artimanhas postas em pratica, conseguiram os espectralhões burlar varias pessoas, entre as quaes o sr. Manuel Parente da Cunha, da travessa de Campanhã, que teve de gratificar com 50\$000 réis o *príncipe* e com 1\$000 réis o *medium*.

Na busca que se possui á casa de evocação dos espiritos, foram encontrados uns exemplares do «Velho e Novo testamento» e uma garrafa com agua benta.

Ao caso do espiritismo não é estranho o cabo de policia civil José M. Rebello, que foi quem se encarregou de alugar a casa onde se davam as sessões. Foi por isso suspenso.

As investigações policiaes continuam.

Não se admire d'isso o nosso estimado collega *O Commercio do Porto*, porque n'esta pequena cidade também abunda por cá d'essa fazenda, e ainda por cima nos atiram para cá com o celebre e virtuoso bruxo do Porto.

E não ha um raio que fulmine estes especuladores da humanidade e a quem os consente.

O fanatismo em acção

Os jornaes hespanhoes contam esta scena de fanatismo que se deu em uma das provincias de Hespanha:

Ha todos os annos em Gende, perto de Puentealderas, uma peregrinação, por occasião da qual se pede aos céus que livre do demonio todos os individuos que estão possesso d'elle.

Pois, n'um dos domingos passados, quando se procedia aos officios divinos, entraram no templo uns seis rapazes que arrastavam pelos braços uma pobre rapariga doente, sujeita a crises de histerismo.

A infeliz mulher debatia-se desesperadamente, suando por todos os poros e acabando por perder os sentidos. De toda a parte da igreja soltaram-se gritos de: «E' o demonio!» «Toca a pôl-o fóra!» E dezenas de punhos se ergueram e cahiram com toda a força e violencia sobre a desgraçada enferma que ficou moribunda. E este bestial encarnicamento durou nada menos de uma hora!

Estaremos outra vez em plena Edade Média?

Tem havido ultimamente alguma sardinha graida nas costas do littoral d'Aveiro, que tem tido grande sahida.

Por volta das onze horas, cresceram os trabalhos dos paroxismos. A meia noite, descaiu o moribundo em lethargia. A respiração era quasi imperceptivel. Saíu o sacerdote a pedir a extrema-unção, sem impedimento de saber que a boa e sã theologia não dava já nada por aquella alma, embora o agonizante fosse sacramentado.

Quando o vigario, espertado do primeiro somno, chegou, estremunhado e carraneado, com a ambulá á porta da cabana, o padre Braz ajoelhara á cabeceira do moribundo, em adoração ao Santissimo Sacramento. Sondou o pulso do velho da ermida, e disse: — Expirou agora.

Os pobres cessaram de cantar o *Bendito*, e levantaram um grande choro, entrando todos a beijar a mão do cadaver.

Se este acabamento de homem, transviado da religião verdadeira e das falsas, não fosse referido em romance, poderia alguém suppôr que póde uma pessoa morrer como justo, sem ser absolutamente religioso. Bom é que mortes assim se não divulguem em livros graves.

As disposições do philosopho são facéis de antever. Os seus herdeiros

AS RENDAS DO PAPA

Não se fala, é bem de vêr, das rendas da alba, do roquette ou da sobrepliz que o successor do pescador possa trazer sobre si, como uma noiva embonecada. E' das outras, mais preciosas, dos rendimentos que o pontifice da religião da humildade, n'uma pobreza evangelica perfeitamente exemplar, recolhe na arca Santa... das suas economias pontificias.

A nota é extrahida do *Européen*:

Activo.—Propriedades na Italia e no estrangeiro, 175 contos de réis; dinheiro de S. Pedro, 2:400 contos de réis; acções, obrigações, titulos de renda, 1:200 contos. Total do activo annual: 4:375 contos.

Hão de dizer que o soberano pontifice tem muita despeza, e que, levando-se isso em conta, não é de mais o que elle mette á sua sacola—apesar de Christo lhe ter dito que andasse «descaço e sem alforge» e «sem ouro nem prata á sua cinta».

E, porque a observação póde ser justa, vejamos a nota das despezas do *príncipe dos apostolos*:

Honorarios de cardeaes e dignitarios, 500 contos de réis; honorarios dos guardas e restante pessoal do Vaticano, 79 contos e 400\$000 réis, devendo notar-se que Jesus só teve guardas uma vez na vida, que foi quando foi preso; despezas com a bibliotheca, museus, etc, 250 contos; basilica de S. Pedro, 150 contos; accessorios, outros 150 contos. Total de despeza ordinaria, 1:129 contos e 400\$000 réis.

As receitas excedem pois as despezas em 3:245 contos e 600\$000 réis.

Pouco mais ou menos o que nos devora em Portugal a *confusão dos dots erarios*...

Vê-se, pois, que, de anno para anno, o thesouro de guerra da Igreja vai augmentando em mais de tres mil contos, e que a este capital extorquido á santa ignorancia dos povos bestializados pela superstição e pelo fanatismo ha ainda a accrescentar o juro d'esse capital, capitalizado também de anno para anno.

De todas as fontes de receita citadas vii-se que a mais fecunda é o *dinheiro de S. Pedro*, con-

eram aquelles pobres que choravam, e outros que pediam enxerga e remedios na santa casa da misericordia d'Aveiro, e também os peregrinos que se acolham á albergaria convisinha da igreja de S. Braz.

Pois com tantos legados de espirito christianissimo ninguém acreditava que fosse sincero christão um sujeito que entre tantas disposições não applicou missas por sua alma, nem sequer trezentas! O clero estava escandalizado!

Folgavam tamsómente os pobres. — e tanto folgavam que nem já choravam a perda do bemfeitor.

XXI

Como se póde viver!

De causas de todo em todo inveras e entre si repugnantes apparecem effectos simillantissimos.

O despejo, por exemplo, a coisa hedionda que por ahí se chama cynismo, caleja e abroquela tão rijamente o homem, que todas as setas da desgraça lhe resvalam do peito. Quando cuidamos vel-o sogobrado, eil o se apruma a desafiarr novas tempestades, e de tormenta em tormenta chega á

tribuição de voto que, começada ha seculos na Inglaterra, é hoje paga em sua maior parte pelos catholicos francezes, o que explica o receio que tem mostrado o Vaticano em provocar a Republica Franceza na questão da separação da Igreja e do Estado. N'um questionario expedido do Vaticano aos bispos francezes, lê-se:

«Parece a V. Senhoria que a separação da Igreja e a denuncia da Concordata de 1801 teriam por effecto diminuir o dinheiro de S. Pedro em França? E não encontraria V. Senhoria, sendo assim, um meio pratico para que a Santa-Sé nada soffresse com a separação nos seus recursos annuaes?»

Como se vê, na momentosa questão o que mais preoccupa o vigario de Christo não é a salvação das almas: é o demonio do ouro, a massa...

Lá diz o Evangelho: «Onde tiveres o teu thesouro, ali terá o coração.»

Felizes tempos em que a Igreja apenas tinha o thesouro dos seus pobres!...

(De O Debate).

ESPECTACULOS

Theatro Aveirense

Sóbe hoje á scena, em beneficio de tres artistas da Companhia Lisbonense, a representação do drama em 4 actos, de Baptista Machado, «O Capital», e a cançoneta «Esteja Quieto».

Tomam parte n'este espectáculo alguns conhecidos amadores aveirenses. Os beneficiados são dignos da protecção do publico.

Fantochada

No barracão do Rocio tem havido espectaculos de fantoches, que nos dizem terem muita pilheria.

Hoje ha novo e variado espectáculo, sendo os preços limitadissimos.

Notas alegres

Exemplo de fartura:

Um rico titular, mas muito sovina, a quem um amigo lançava em rosto a sua mesquinhez, por ouvir dizer que em sua casa todos passavam fome, respondeu: — E' mentira! Em minha casa todos andam fartos. Minha mulher está farta de mim; eu estou farto d'ella; os creados estão fartos de nós, e nós estamos fartos d'elles.

Póde haver maior fartura?!...

No lyceu:

Examinador: «Parece-me que está muito atrapalhado com a minha pergunta.»

Examinado: «Não, senhor professor. O que me atrapalha é a resposta.»

derradeira idade, e acaba de cachexia, porque as cachexias não se curam com a valentia da alma.

Vejamos agora o justo em tribulações, o christão de tempera pacientissima e refractaria ao desanimo que prostra e mata. As calamidades a choverem-lhe, as injustiças dos homens a pôrem-lhe em duvida a justiça divina, —por se dizer que o homem tem fórma e simillhança de Deus; elle a abster-se, a amputar-se, a desagregar-se do bom da vida, e a temperar com fel alguma coisa melhor para offerecer ao céu o amargor d'ella e a reluctação com que a toma, degenerando e estragando tudo que os outros saboream. Eis que umas pessoas queridas lhe morrem; e outros o deixam; quando elle a chorar lhes pedia amparo; fogem-lhe e deshonram-no; e o christão atira-se nos pés da cruz, queixa-se, mostra as garrochas que o trespassam, os anjos como que baixam a descravar-lhas; fecham-se as feridas, outras logo se abrem, e elle a exclamar:

(Continúa.)

(55)

FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XX

Parecia christão na morte!

E como elle entrasse, o povo, que enchia a casinha, sahio, cuidando que o velho da ermida ia confessar-se.

A só com o sacerdote, disse o hebreu com pensosa pronuncia:

— Agora é que são as despedidas, amigo. Vieste a tempo, Braz, filho adoptivo de minha mulher, que ha vinte annos me espera. Debaxo do meu traverseiro está um papel escripto de meu pulso; na arca em que te sentas, está o que en tenho de meu. Cumprirás as minhas disposições...

— E a sua alma?... —atallou o padre.—É tempo ainda. Salve-se, homem de bem! salve-se...

—S e sou homem de bem, estou salvo —murmurou o judeu.

**Tramways entre Aveiro e Porto**

Do Porto para Aveiro e volta—Partidas: De S. Bento, de manhã 7 6; de tarde, 6 51. De Aveiro para S. Bento: De manhã, ás 3-55 e 10 15; de tarde, ás 4 4.

De Alfarellos para o Porto—Partida: De Alfarellos ás 2 7 da tarde; chega a S. Bento 7 45 da tarde. Este tramway liga com o comboio da linha oeste, que sahe da estação central do Rocio ás 7 horas da manhã.

**ANNUNCIOS**

**MINERVA**

COMPRA-SE uma já usada, convindo em preço. Carta a esta redacção com as condições.

**PADARIA FERREIRA & MACEDO**  
AOS ARCOS  
**AVEIRO**

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 13600 a 33600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; velas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Navio, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa de consumidor á hora que o exigir.

**BAGAÇOS ALIMENTARES**

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

**A NOVA PHASE DO SOCIALISMO**

FOR JOÃOS DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 LISBOA.

Preço 200

**A AMBIÇÃO D'UM REI**

por EDUARDO DE NORONHA

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gamero, e impressa em magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar GRATIS a quem remetter adeantamente a esta empresa a importancia de dez cadernetas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceptam se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.

A Editora—Largo do Conde Barão, 50 LISBOA

Precisam se agentes em todas as terras do continente, colonias e Brazil.

**Sapataria Marques d'Almeida & Irmão**

NESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellente calçado feito, tomando-se tambem encomenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedais se responsabilizam os annunciantes.

Egualmente garantem a todos a modicidade de preços.

Vér para crér

**EMPREZA CERAMICA**

DA

**FONTE NOVA**

DE

**Mello Guimarães & Irmãos**  
**AVEIRO**

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

**Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.**

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do Matadouro Municipal de Lisboa. sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote), tonelada réis 68:000, tripa larga 240 réis cada massa, tripa estreita 260 réis cada massa, couros todos os sabbados ao meio-dia, sebo, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encomendamos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

José Monteiro Telles dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obra a ouro, prata, platina, e a esmalte, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estacão de JOSE ESTEVAM

**Aos agricultores**

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submitter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

**“Os ultimos escandalos de Paris.”**

Grande romance de Duhnt de Laforest, illustrado de numerosissimas e esplendidas gravuras. Mais interessante que os *Mysterios de Paris* e *Rocambolo*. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos occorridos na actualidade. Obra moralissima pela edificacão dos factos relatados e pelas injusticias que esses mesmos factos frequentemente annuncia. Brinde a todos os assignantes: Uma elegante capa de brochura para cada volume, impressa a duas cores e com desenhos apropriados ao assumpto tratado no mesmo volume. Um premio da Santa Casa da Misericordia de Lisboa nas condições dos prospectos em distribuição.

Fasciculo semanal de 40 paginas e 5 gravuras, 50 réis. Volume mensal de 160 paginas e 20 gravuras, 200 réis. Assigna-se em todas as terras do paiz onde temos agentes, e na Editora—Lisboa—L. do Conde Barão, 50.

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF.”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

Não estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

**ESTABELECIMENTO**

**DE MERCEARIA**

**E FERRAGENS**

— DE —

**ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)**

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaines, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO